



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

EDUARDO FELIPHE DANTAS DE ARAÚJO

LOU ANDREAS SALOMÉ: o conhecimento como fonte de liberdade

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

EDUARDO FELIPHE DANTAS DE ARAÚJO

LOU ANDREAS SALOMÉ: o conhecimento como fonte de liberdade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663I Araújo, Eduardo Felipe Dantas de.
Lou Andreas Salomé [manuscrito] : o conhecimento como fonte de liberdade / Eduardo Felipe Dantas de Araujo. - 2019.
19 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Filosofia. 2. Transgressão de pensamento. 3. Conhecimento. 4. Quebra de paradigma. 5. Liberdade. I. Título
21. ed. CDD 100

EDUARDO FELIPHE DANTAS DE ARAÚJO

LOU ANDREAS SALOMÉ: o conhecimento como fonte de liberdade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira

Aprovado em: 06/06/2019.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe e minha avó, pelo exemplo de
força e ternura, DEDICO.

“A vida te dará poucos presentes, acredita. Se
queres uma vida, é preciso que a roubes.”

(Lou Andreas Salomé)

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 <i>Lou Andreas Salomé - Vida</i>	10
2.2 <i>Contexto histórico</i>	11
2.3 <i>A busca pelo conhecimento</i>	13
2.4 <i>A liberdade</i>	17
3.CONCLUSÃO	19
REFERÊNCIAS	20

LOU ANDREAS SALOMÉ: o conhecimento como fonte de liberdade

Eduardo Felipe Dantas de Araújo¹

RESUMO

O presente trabalho tem como escopo apresentar a maneira como Lou Andreas Salomé consegue ultrapassar as barreiras de sua época para assim construir uma vida a seu modo. Desde não seguir determinadas regras a criar para si condições que a firmasse como presença intelectual em meio à transição de século que passara e os autores que acompanhara. Para tanto, o contexto histórico de cada produção intelectual é sem dúvida de forte influência tanto na causa da escrita, como na sua finalidade e esse é um ponto marcante das obras de Lou Andreas Salomé. O discurso feminino e filosófico presente em seus escritos muito tem a relatar sobre suas transgressões. Deste modo, a busca incessante por conhecimento da autora a levou desde o início a romper paradigmas abertamente aceitáveis pelas mulheres de seu tempo, em troca do que ela acreditava encontrar “as raízes da vida”, sobretudo a partir da liberdade.

Palavras-chave: Transgressão. Conhecimento. Paradigmas. Liberdade.

ABSTRACT

The present work aims to present the way in which Lou Andreas Salomé came to overcome the barriers of his time in order to build a life in his own way. Since it did not follow certain rules to create for itself conditions that would sign it as an intellectual presence in the midst of the transition of the century that had passed and the authors she had accompanied. To this end, the historical context of each intellectual production is undoubtedly a strong influence both on the cause of writing and its purpose. This is a striking point in the works of Lou Andreas Salomé, the feminine and philosophical discourse in her writings, much to report about her transgression in the past. So the incessant search for knowledge of the author led her from the outset to break paradigms openly acceptable to the women of her time, in exchange for what she believed in finding “the roots of life”, especially from freedom.

Keywords: Transgression. Knowledge. Paradigms. Freedom.

¹Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus Campina Grande
E-mail: edufelipe@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A escolha dessa autora e, conseqüentemente, do tema, tem caráter incisivo ao que diz respeito aos desafios que a mulher encontra quanto ao reconhecimento de ordem intelectual. Além de que, primeiramente, este trabalho foi fruto de uma observação seguida de inquietação acerca da notável escassez do estudo de autoras filósofas na própria História da Filosofia.

É muito comum encontrar o nome de Lou Andreas Salomé agregado a autores de sua época, como Paul Rée, Friedrich Nietzsche, Rainer Maria Rilke, Sigmund Freud. Isso porque a autora percorreu durante sua vida os caminhos da Filosofia, poesia e psicanálise ao lado desses.

Sendo assim, em primeira instância, é feito um breve histórico acerca da vida de Salomé, seguido de uma abordagem do contexto histórico em que a autora está inserida – a passagem do século XIX para o XX, a Modernidade – apontando-se características peculiares dessa transição de século que, embora sejam marcantes quanto as mudanças sociais, resulta de uma influência no contexto intelectual dessa época.

Desta forma, pode-se afirmar que o conhecimento sempre foi uma busca incessante de Salomé, o que para sua época não seria muito comum na Rússia – restringia-se aos homens os estudos. No entanto, a pensadora desde sua juventude se inquieta, almeja e busca de toda forma dar início aos seus estudos, contrapondo assim os preceitos impostos à figura feminina como: casar, ter filhos, seguir uma religião como fonte de verdade da existência.

Dito isto, é forçoso perceber que a liberdade sempre esteve entre as linhas, seja no discurso, seja na própria história de vida de Lou Andreas Salomé. Ela coloca no amor, por exemplo, a condição de liberdade. Assim como a relação com a natureza tem elementos do ser livre que ela buscava ser. Além de que, claro, a busca pelo conhecimento foi a primeira e decisiva porta para uma liberdade não somente objetiva, mas, sobretudo da essência de si mesma.

Os elementos trabalhados nesse estudo carregam características que tendem a destacar a figura de uma autora que por hora é vista como aquela que esteve próxima a autores consagrados e que despertou paixões, como ponto de interesse da maioria deles. Por hora, pode-se dizer que ela é vista como uma mulher transgressora de seu tempo.

O destaque intelectual de Lou Andreas Salomé é de suma importância para que se compreenda a urgência em trabalhar seu discurso feminino em meio ao que frequentemente se entende pelas reflexões e abordagens de um mundo interpretado por homens. O discurso

filosófico presente nas obras aqui trabalhadas, tem muito a nos dizer sobre a habilidade que Lou tem de extrair das relações mais superficiais ou não, conteúdos suficientes para desenvolver seu entendimento de mundo. Deste modo, cabe aqui dar-se tamanha importância e extrair o máximo de conteúdo que façam jus à compreensão da grandeza pessoal e intelectual desta pensadora.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 *Lou Andreas Salomé – Vida*

Nascida no ano de 1861 em São Petersburgo, Rússia. Filha de Gustav Von Salomé e Louise Wilm Von Salomé. Louise von Salomé (que mais seria conhecida como Lou Andreas Salomé) era a caçula de cinco irmãos, de maneira que, sua criação com os mesmos, desencadeara posteriormente uma reflexão, já adulta. No entanto, é na infância que seu pai percebe nela uma diferente força quanto aos seus almejos, o que mais tarde se confirmaria com a maneira como ela escolhera de viver sua vida.

Só o passar dos anos e a distância é que amadureceram meu julgamento e ensinaram-me a apreciá-los em seus valores humanos. Mais tarde, quando me acontecia de duvidar de mim mesma, a lembrança de que éramos do mesmo sangue verdadeiramente me confortava; e, de fato, jamais conheci homens, cuja sinceridade, integridade, virilidade ou bondade não fizeram reviver em mim a imagem de meus irmãos (SALOMÉ, 1985, p. 31).

A relação dela com seu pai era de cumplicidade e proteção, ao passo de que ela demonstrara de forma efusiva a sua vontade de conhecer. Neste período, o russo predominava nas escolas e Salomé dominava mais o alemão e o francês, foi então que seu pai a deixa como aluna ouvinte alegando “Essa não precisa de escolaridade obrigatória” (SALOMÉ, 1985, p. 34).

Com sua sede de conhecimento, Salomé tem seu primeiro contato com livros de Filosofia e assim conhece o pastor Hendrik Gillot que se tornou um professor particular – indicava obras e ela fazia os estudos sob a supervisão do mesmo. Com ele, ela estudou o que não se via comumente nas escolas: história das religiões, Filosofia, teologia, lógica, teoria do conhecimento e metafísica.

Desta forma, a sede de conhecimento perpassou as contrariedades da época – época em que poucas universidades aceitavam mulheres. É esse fato que a faz mudar para Zurique,

Suíça, em 1880 onde estuda Filosofia e Ciências da religião. Nesta época, conhece o poeta Rainer Maria Rilke – com quem teve uma relação de amor e amizade.

Com uma intensa rotina de estudos, Salomé vem a adoecer e em 1882 muda com sua mãe para Roma. Com inúmeras cartas de recomendação, ela e a mãe vão ao encontro de Malwida Von Meysenbug, estudiosa que se dedicou a “ajudar a emancipar a mulher dos limites que a sociedade lhe impôs” (FERREIRA, 2000, p.38).

A partir de então, a pensadora russa conhece Paul Réée e pouco tempo depois Friedrich Nietzsche, com os quais firma uma aliança intelectual e que a coloca em um lugar não habitual para as mulheres de sua época.

Além da quebra de alguns paradigmas sociais, sua existência foi marcada pela transgressão dos valores de paixão, liberdade, amor e amizade. Além de se relacionar com Nietzsche e Réée, Salomé foi aluna e amiga de Sigmund Freud.

Lou Andreas Salomé faleceu em 1937 deixando poucos escritos, uma vez que decidira queimar a maior parte por julgar que sua intimidade só a ela cabia. Mesmo assim, esses poucos escritos foram suficientes para marcar a vastidão de sua presença entre os séculos XIX e XX mesmo não sendo tão visível assim.

2.2 Contexto histórico

Lou Andreas Salomé vive numa época marcada por grandes transformações sociais. Isso porque ela vive na transição do século XIX para o XX. Tempo esse conhecido como: *fin-de-siècle* – terminologia utilizada para marcar a passagem do século XIX para o XX que tem características peculiares, como vestígios do que fora previamente encaminhado no século XIX.

A passagem para a chamada modernidade traz consigo várias características – a mudança do espaço, dos indivíduos enquanto objetividade e subjetividades. Ou seja, os comportamentos, os propósitos e a intelectualidade passam tentar ajustar-se na nova era da modernidade.

Lou Salomé vivencia o surgimento de novas e diferentes formas de interpretar o mundo. Germina e floresce no período o que convencionalmente se passou a chamar modernidade e observa-se a coincidência de novos movimentos em vários campos; daí encontramos nomes como Bergson, Nietzsche e Marx, na Filosofia; Weber, Durkheim, Pareto, Sorel e Marcel Mauss, nas Ciências Sociais, Einstein e Planck que mudam a visão da estrutura da matéria (micro e macrocosmos) na Física; Arnold Schoenberg (dodecafonismo) na Música; assim como Freud na Psicanálise, tentando mostrar que era o indivíduo e sua visão de mundo que estavam em crise; e também conceitos como o abstracionismo, nas Artes Plásticas; assim como o de luta de classes, com Marx, na Política (MATTOS, 2011, p. 150-151).

Junto com essa transição, esta época é marcada pela tentativa frenética de restauração do patriarcalismo. Movimentos antifeministas buscavam restaurar a figura paterna como aquela de valoração máxima, sinônimo de liderança. Exemplo disso é o seguinte trecho como manifesto futurista de Marinette (1909, p.92):

Nós queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo – o militarismo, o patriotismo, o gesto destrutor dos anarquistas, as belas idéias que matam, o desprezo da mulher, queremos demolir os museus, combater o moralismo, o feminismo e todas as covardias oportunistas e utilitárias.

É forçoso reconhecer que Salomé viveu em tempos em que a resistência era visivelmente difícil. Além dos preceitos impostos por uma época em que não cabia à mulher o direito de escolhas, em que estudar era resignado aos homens, ela ainda teve que lidar com uma onda antifeminista – mulheres que, de forma contraditória, lutavam contra as propostas dos próprios direitos.

Em meio a tantas arbitrariedades, o campo intelectual abalou-se de certa forma. Uma vez que a objetividade vai ganhando espaço, um pessimismo foi tornando-se cada vez mais comum, certos de que os ânimos não poderiam mais ser acalmados, e que a modernidade chegaria a atrapalhar a busca pelos conhecimentos ditos intelectuais.

A própria alma humana passou a ser objeto de sondagem e ela se prestou mais à investigação tanto em seus modos de ação, que influenciaram de maneira impertinente o conhecimento estrito, quanto em seus direitos indubitáveis de compreender e preencher a ciência de modo vivo (SALOMÉ, 1985, p. 62).

Em meio a isso, aqueles que ainda ousavam permanecer com vitalidade na Filosofia, por exemplo, eram vistos como heróis. Pois queriam eles manter o entendimento da existência humana sem fontes exteriores, criadas pela própria humanidade e que pudessem exercer influência nesta.

A nova era dotada pelo anseio de desenvolvimento, o progresso, era a nova característica da humanidade e quanto a isso, é forçoso dizer que perante a religião, a modernidade consegue ultrapassar de maneira significativa o modo como o indivíduo passa a fomentar o futuro.

O que se vivia era um ceticismo e um anseio por uma transformação secular, a sensibilidade da transição e do caos, da criação e da descrição. A fragilidade do entendimento científico, que se colocava como senhor do mundo, fazia emergir uma racionalidade técnica e científica estritamente instrumental, mas permanecia, porém,

submissa às forças imperiosas que garantiam a unidade do inconsciente com as coisas, permanecia presa à subjetividade (MATTOS, 2011, p.156).

2.3 A busca pelo conhecimento

A curiosidade foi, sem dúvida, um traço marcante em Lou Salomé. Esta mesma curiosidade é vista ao longo de sua vida como a maneira que a autora encontrou de colocar-se diante do mundo. Por certo foi esta característica que desencadeou no ser humano que ela se tornou.

Lou Salomé tinha um imenso amor à vida. Buscava de todas as formas entender e transmitir esse amor. Este amor foi o que a fez tornar-se uma mulher emancipada, que estudava, viajava, vivia suas curiosidades a fundo e buscava sempre ler a si própria, como forma de descobrir “as raízes da vida”.

Ainda quando criança, ela tinha a ideia de Deus como aquele que sempre estava quando o chamava, ela lhe pedia coisas e aquela presença protetora era crucial no desenvolver de sua imaginação. Até que ela vai sendo inserida na realidade, ou seja, quando a infância não se faz mais presente, não pelo menos no sentido de ser cabível entregar-se a imaginação, é aí que Deus desaparece.

O desaparecimento de Deus foi a primeira problemática. Logo isso serviu para aguçar sua imaginação.

a atividade da imaginação ligada a Deus não a abandonara nunca. Ela lhe proporcionava a capacidade de se desligar da realidade palpável para recriar as pessoas que a cercavam, ao seu modo: Lou se contava histórias a respeito delas, idealizando-as e interpretando-as, segundo sua imaginação, seu desejo (FERREIRA, 2000, p.25).

Desses elementos já encontrados ainda na infância da pensadora, se consegue compreender os caminhos que ela optou por trilhar. Embora as controvérsias de sua época fossem motivos suficientes para que a busca de conhecimento fosse vista como não adequada para a vida de uma mulher, ela deu um salto à frente ao preferir adequar-se à vida intelectual, na genuína curiosidade de entender a vida.

Assim, a perda de Deus significou um desdobramento de si mesma. Tornou-a autodisciplinada, resistente e objetiva. Uma vez que estava agora sozinha, sem nenhuma proteção exterior a ela – só poderia contar consigo mesma.

Recordo-me – e falaram-me disso muitas vezes depois – como, em meio a um fortíssimo sarampo, me ocorreu, durante a febre, um pesadelo onde as muitas, muitas personagens de minhas histórias apresentavam sem eira nem beira, abandonas por mim. Como ninguém, exceto eu, as conhecia, nada poderia trazê-las de volta, a algum lugar daquele caminhar perplexo, para aquela proteção na qual eu imaginava que descansavam: todas – em mil individualizações que continuariam a multiplicar-se – até que não restasse visível e real, a mínima partícula do mundo que pudesse encontrar refúgio de outra maneira que não em Deus. (SALOMÉ, 1985, p. 15)

Diante da história de Lou Andreas Salomé é impossível não citar o filósofo Friedrich Nietzsche. Ambos foram parceiros em produções intelectuais – os pensamentos dos dois autores culminavam em reflexões que os diferenciavam como autores, uma espécie de sintonia intelectual: “um idealismo prático livre de pressupostos metafísicos” (FERREIRA, 2000, p.51).

O problema religioso também era um elemento comum entre Salomé e Nietzsche:

Em suas longas conversas com Nietzsche ela havia entendido o motivo pelo qual ele lançara a religião para fora de si, como se joga um velho manto imprestável: a experiência religiosa, seu conhecimento, pouco a pouco haviam desertado seu coração e terminaram por nada mais representar para ele. (...) a experiência de Lou fora diferente: a descrença se apodera de seu espírito de um só golpe e fora o espírito que obrigara o coração a abandonar a antiga fé (FERREIRA, 2000, p. 93).

Para Salomé, o sofrimento é sinônimo de combate, é a oportunidade de atentar-se a outro alvo. Eis que se encontra a diferença marcante entre esses dois pensadores – Lou Salomé entendia que a partir do sofrimento tem-se algo novo para buscar entender, enquanto Nietzsche sucumbira-se nas contrariedades, não sobrando espaço e disposição para procurar novos alvos.

A filosofia que circundava não somente seus escritos, mas sua própria maneira de viver era demonstrada em intensidade e ao mesmo tempo, racionalidade. O uso da razão para era circunstancial para o que se propusesse fazer. Exemplo disso o conceito que Lou dá a Deus e as manifestações de devoção e oração, como formas de objetivar Deus, mas que na verdade trata-se de nós mesmos:

Pois é na *devoção* e na *oração* que repercute tudo aquilo que palpita em nós, até o limite das representações conscientes dos sentimentos: aquilo que se torna recolhimento interior, recolhimento de coração; aquilo que une todos os êxtases (mesmo que provenham de muito longe, como do sexo ou do prestígio) num centro desconhecido. O que está mesmo para as pessoas “crentes”, na base do nome de Deus? O contato do que nós é ainda acessível a partir da consciência, mas que, contudo, escapa das nossas motivações conscientes, não nos aparece mais como “nós”; ainda que *nós* desemoquemos ali e, por isso, agrade-nos sucumbir à tentação de *denominá-lo*, de objetivá-lo, no mais recôndito de nosso ser. (SALOMÉ, 1985, p. 84)

Pode-se perceber que a presença de Lou Salomé nessa época era um rompimento do fato de que eram os homens que detinham as possibilidades de interpretação do mundo. Além de que, a maneira como ela levava a vida era considerada uma afronta à feminilidade nesse período e, por isso, no início ela usava o pseudônimo Henri Lou.

Ora, isso lhe rendeu o instiga de produzir suas obras com um desdobramento maior em relação à valoração da mulher na sociedade, assim como os aspectos da transição do século XIX para o XX, fazendo uma abordagem acerca do quão a subjetividade devia manter-se firme quanto a nova ordem da ciência e da técnica.

Lou rompeu os limites de um mundo interpretado pelos homens, sendo acusada de possuir uma vitalidade “demasiadamente cerebral” e uma vontade muito “varonil”. Sua obra aborda sempre o problema do equilíbrio entre a diversidade de possíveis papéis e uma imagem circunscrita da mulher, assim como os problemas fundamentais que adentram a mudança cultural produzida no fin-de-siècle (PACHECO, 2016, p. 139).

Lou Salomé escrevia artigos, os primeiros de 1891 a 1893 eram de cunho religioso-psicológicos em Paris, esses escritos eram críticas teatrais. Apesar dos desdobramentos de sua vida: viagens, estudos e homens, ela carregava consigo o espírito da busca pelo conhecer. Deste modo, demonstrava uma cumplicidade com a natureza e isso fez com que o modo como escrevia sempre tivessem um ar de existência a partir dela, uma espécie de ordem natural a que os homens devem de voltar depois da morte.

A natureza não lhe cabia apenas como maneira de encontrar nela a suavidade da sua existência, mas cabia encontrar a si próprio quando em contato com o corpo humano, como se a natureza representasse a volta do homem ao seu maior momento de ingenuidade em que a imaginação, além de ser livre, é dotada de elementos que futuramente se possam entender como representações de nós mesmos. A esse fato que se dão os relatos de que Lou Salomé era apaixonada pela vida e suas oportunidades e sempre conseguia compreender momentos de sua infância como essenciais para o seu desenvolvimento. É o que se evidencia numa carta à Freud:

Frequentemente tive uma relação bastante especial com a natureza (daí meu forte impulso de viver apenas no campo), uma relação tal que, depois de viver em cidades, ou de viajar, ou após as relações sociais, ou de estar com amigos, sentia que precisava voltar ao velho ambiente da natureza, quase como se eu precisasse disso para analisar para mim mesma o que experimentara nesse intervalo. Então, era quase como se a natureza estivesse dizendo-me, através de suas árvores e prados e nuvens, o que ela própria experimentara — o vasto, simples e invariável destino das

estações que por ela passaram — e como se meus vários interesses humanos, em comparação com isso, tivessem pouca importância, apesar de seus múltiplos aspectos. E, agora, é quase como se Rainer estivesse debaixo de minhas árvores, enquanto elas experimentam o outono, o verão, o inverno ou a primavera. Num sentido diferente, ele também se tornou “maduro” com elas, reduzido a umas poucas linhas iniciais. Mas é também, da mesma forma, imutavelmente real e maduro, não afetado pelas minhas subjetividades, e ainda assim simboliza completamente nossas emoções internas, exatamente como nossas impressões da natureza exterior são sempre consideradas por nós como simbolizando algo dentro de nós (SALOMÉ, *apud* FERREIRA 1987, p. 6).

O percurso intelectual da vida de Lou Salomé desencadeia no conhecimento de Freud, de quem foi aluna e, por conseguinte, sua amiga, como já dissemos. Dois motivos fizeram-na procurá-lo: primeiro o dar-se conta da raridade psicológica de cada ser, segundo ter sido criada na Rússia, lugar de “imediatos” – onde as expressões são diretas e imediatas, desde as mais simples, as mais complexas. O povo russo tem grande facilidade de expor com franqueza suas subjetividades: “compreendo bem o que hoje o torna mais “analisável” para nós, e o que o conserva sincero, inclusive diante de si mesmo.” (SALOMÉ, 1985, p. 106)

Desta forma, o contato com a psicanálise revelava-se para nossa pensadora como uma maneira de compreender o que os sentimentos humanos podem dizer além do que se é nitidamente demonstrável. Queria ela analisar a natureza dos sofrimentos de forma que houvesse assim uma resposta lógica, portanto, de solução para esses – em virtude dos acontecimentos de sua vida, ela estava até então debruçada em perguntas que não cabiam respostas.

Meus olhos ainda totalmente acumulados de impressões precedentes, que acreditavam reconhecer numa humanidade mais primitiva aquilo que no fundo era a infância indeletável de todos nós e – como riqueza secreta por trás de toda maturidade – continuava sendo, foram obrigados a deixarem isso de lado e, em troca encararem o objeto humano de uma forma metódica e racional (SALOMÉ, 1985, p.108).

O ser humano e seu comportamento era então fonte inesgotável a ser explorada. Ao passo em que, ao se enxergar a natureza humana como que em totalidade e através de convivências, trariam julgamentos superficiais. Uma vez observa-o racionalmente, as possibilidades de entendimento se alargam, dando assim cada vez mais compreensões do universo humano.

No ensaio *Reflexões sobre o problema do amor* consegue-se perceber a profundidade com que Salomé investiga o ser humano a partir do que se fora observado da relação homem e mundo. Para tanto, ela acredita que haja dois tipos de instintos na espécie humana: o egoísmo

de lembrar somente de si e o egoísmo de esquecer-se de si. Embora ela chegue à conclusão que seja qual for o instinto mais acentuado, o ser humano necessita do outro como condição que reforça sua ideia de existência.

Esses dois instintos fundamentais se acentuam, infatigável e inflexivelmente, no decurso da evolução da humanidade, e é o modo de resolver o conflito que os opõe, o que confere a cada época cultural seu caráter particular. Sua reconciliação definitiva é impensável e, se um dos princípios em confronto tiver de ser, a rigor erigido em regra única de conduta, tal severidade só tem sentido e justificação se o outro princípio, por excesso cometido em sua aplicação, requerer uma correção mais brutal que a habitual (SALOMÉ, 2005, p. 14).

Neste sentido, a relação que a autora tinha com a vida cabia dos mais simples questionamentos acerca do ser humano, ao mais complexo – sobretudo que pudesse entender a si mesma como ponto de partida.

2.4 A liberdade

A liberdade sempre esteve intrínseca e extrinsecamente presente na vida de Lou Salomé – a esse respeito, ela acreditava que esta é ligada a maneira como nós encontramos a nós mesmos e damos-nos toda a possibilidade de realização, sem quaisquer condições exteriores a nós.

Dito isso, a pensadora russa via no conhecimento a forte oportunidade de encontrar-se, ou seja, sentir-se livre. Além de que, optando pela liberdade, as condições que eram impostas à figura feminina (casamento, maternidade, dedicar-se à casa e ser rigorosa às tradições religiosas) perdiam, pois, o sentido. Embora seja forçoso frisar que esses preceitos nunca fizeram parte dos almejos de Salomé.

Ainda que, logo cedo, tenha encontrado a primeira possibilidade de debruçar-se nos estudos, através de Hendrik Gillot, seu primeiro professor, ela vivenciou o interesse alheio como forma de submissão pelo fato das primeiras produções terem sido supervisionadas e avaliadas pelo professor. E foi na expressão real de liberdade que Salomé recebe uma carta de Gillot a qual ela confiantemente responde:

Não posso viver obedecendo a modelos, nem jamais poderia representar, para quem quer que seja, um modelo. Mas é inteiramente certo que construirei minha vida segundo aquilo que sou, aconteça o que acontecer. Fazendo isso, não defendo nenhum princípio, mas sim alguma coisa bem mais maravilhosa, alguma coisa que está em nós, que arde no fogo da vida, que exulta e quer brotar. Certo, o senhor também escreve que jamais me viu abraçar objetivos puramente intelectuais como

mera “transição”, mas o que o senhor chama de “transição”? Se existem pela frente outros objetivos que nos obrigam a renunciar ao que há de mais magnífico e de mais difícil de se obter na face da Terra, ou seja, a liberdade, então quero permanecer sempre em estado de transição, pois não a sacrificarei. Certamente não se pode ser mais feliz do que agora sou, e a boa velha guerra que vai, sem dúvida, eclodir, não me assusta absolutamente, ao contrário: que ela rebente! Veremos, contudo, que a maior parte dos chamados obstáculos “insuperáveis” erigíveis no mundo, não se revelará se não como inofensivos traços de giz! (SALOMÉ, 1985, p.55).

Vê-se claramente que os possíveis futuros obstáculos não a fazem temer. Isso porque a maneira como ela se dispõe a ir atrás do que a faça brotar perpassa todo e qualquer modelo que se coloque como empecilho para que a mesma consiga o feito de realização.

De fato, todas as buscas intelectuais dela fizeram-na fortalecer-se e ter cada vez mais certeza do que o conhecimento poderia lhe proporcionar. Embora tenha encontrado de forma sutil e simples diversas vezes na natureza outra face da liberdade, Salomé adentrou no mais genuíno da Filosofia e da psicanálise e fora também outra face da liberdade. Porque à primeira vista ela começara a caminhar com a presença masculina, caminhos que não eram comuns às mulheres de sua época.

Lou Salomé está buscando algo, que aponta para além de uma libertação, está buscando a liberdade. Por isso, ela necessitava da companhia de pessoas que estivessem dentro da mesma busca, formando um espaço de encontro, um espaço politicamente organizado, no qual cada ser humano livre poderia unir-se em palavras e ações a outros, como ele, igualmente livres (MATTOS, 2011, p. 160).

Por conseguinte, a liberdade conquistada por Lou Salomé é, sobretudo, vista na sua maneira escrever. Ao passo em que consegue manifestar muitas vezes através da escrita elementos retraídos por pudores culturais não só para a mulher, mas também para os homens. É por exemplo o que ela faz em *O erotismo*, quando mostra uma roupagem diferente do que comumente se entendia por este termo, ao mesmo tempo em que mostra as diversas fontes aos quais ele está ligado, como a liberdade:

O fato de o erotismo ser, por natureza, difícil de conciliar com a fidelidade, não é sinônimo de fragilidade ou de depreciação; representa nele, ao contrário, um sinal da ascensão para conexões ainda mais vastas. E é por isso que, precisamente, quando se integrou nessas relações não pôde deixar de manter em si uma boa parte dessa necessidade insaciável, assim como em seu enraizamento nos processos mais primitivos da vida orgânica (SALOMÉ, 2005, p.61).

Deste modo, faz parte do ser humano a disposição de ser livre. Não somente do que pode, descaracterizando sua própria condição de liberdade que lhe é inata. Cabe, pois, ao ser humano, buscar alternativas que o conceda o que por si já é sua: a condição de ser livre.

3. CONCLUSÃO

A partir desse estudo, espera-se ter ficado evidente a contribuição que Lou Andreas Salomé deixa para as épocas que seguem. Bem como a atual, onde ainda se percebe claramente as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em vários seguimentos da sociedade.

É notório em cada relato sobre a autora e em suas próprias obras, a dificuldade que esta passou para deixar o legado que por nós hoje é estudado. Em plena Rússia, próximo ao fim do século XIX e em meio a tradições rigorosas, ser a mulher transgressora que ela se tornou, não foi apenas inovação, mas coragem.

Percebe-se também que em Salomé temas como: amor, paixão, liberdade, egoísmo, prazer, natureza, alegria, velhice e morte, são temas tratados com leveza, mas que, voltados numa reflexão sobre nós mesmos, as impressões são de um todo crucial para entendermos a relação conosco, com o outro e com a natureza.

De fato, a autora não apenas perpassa sua época e consegue chegar a um tempo em que essa busca por nós mesmos – nossa natureza, se faz cada vez mais necessária. As relações de um modo geral estão sendo atropeladas pela desvalorização de si mesmo e, portanto, do outro, aquele que consigo extrair o mais íntimo de mim.

Compreender a si, tentar reconstruir-se perante a natureza de que saímos e estar na incessante busca pela felicidade em nós mesmos, de nada soa egoísmo, mas sim como uma maneira de extrair o máximo de sensações que nos dê prazer durante esse intervalo que existe entre a vida e a morte. Esta é sem dúvida uma grande marca que o legado de Lou Andreas Salomé deixa.

Assim como, fica o exemplo de emancipação que é deixado como transformação do que se encontra diante das contrariedades que a existência da mulher enfrenta desde o nascimento. Exemplo disso, e com ênfase, é o predicativo que Salomé recebe durante a história – seu nome sempre atrelado aos homens que passaram por sua vida; não deixando de reconhecer nessas presenças masculinas a importância no percurso intelectual e pessoal dela, a começar por seu pai e seus irmãos. Todavia, sua trajetória teve primeiramente a disposição de si mesma e fora vivida com tamanha simplicidade que deveria ter maior abertura de reconhecimento na história.

Portanto, as inúmeras maneiras representativas de liberdade que a autora deixa, desde a emancipação de seu corpo até a força livre de escrever, nos mostra que o conhecimento como ato de coragem é sem dúvida a primeira grande porta para uma liberdade genuína.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. **Humana, Demasiado, Humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

MARINETTI, F.T. - **Manifesto do Futurismo**. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 1987, p.92.

MATTOS, Sônia, M. Política e Paixão: Lou Andréas Salomé. **Dimensões**. Espírito Santo, vol. 26, 2011, p. 146-172.

SALOMÉ, Lou Salomé. **Minha Vida**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Reflexões sobre o amor e O erotismo**. Trad. Antonio Gabriel Abreu. São Paulo: Landy, 2005.

SCHCK, Elena de Oliveira. Lou Andreas-Salomé: uma Filósofa, psicanalista e escritora vanguardista. **Filósofas: a presença das mulheres na Filosofia**. Porto Alegre: Fi, 2016, p. 136-151.

AGRADECIMENTOS

O sentimento de gratidão é algo que enobrece o ser humano. Não se limita apenas num “obrigado”, está além, reflete o desejo de que pessoas sejam reconhecidas pela importância que têm em nossas vidas, seja pela presença, ou mesmo quando isso não é possível, através de gestos de carinho e amizade, palavras de conforto e compreensão, encorajamento e motivações.

Agradeço primeiramente a Deus, a quem busco diariamente o fortalecimento necessário para minha vida na caminhada espiritual e intelectual.

À minha família, nas pessoas de minha mãe, Maria Elisafan Farias Dantas, e da minha avó, Maria do Socorro Farias Dantas (Maria Vidal), que em momento algum deixam de acreditar em mim e nos meus ideais, e a todo o momento torcem pelas minhas conquistas e realizações.

Ao Departamento do Curso de Filosofia, que em seu corpo docente possui excelentes professores pelos quais possuo grande respeito, carinho e admiração.

À minha orientadora, professora Simone, pela amizade pessoal e empenho dedicado a esta produção.

Aos meus queridos amigos, por estarem sempre compartilhando alegrias e dificuldades, demonstrando companheirismo nos momentos desta caminhada.

Aos colegas de turma, e a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta caminhada formativa, meu sincero agradecimento, muito obrigado.